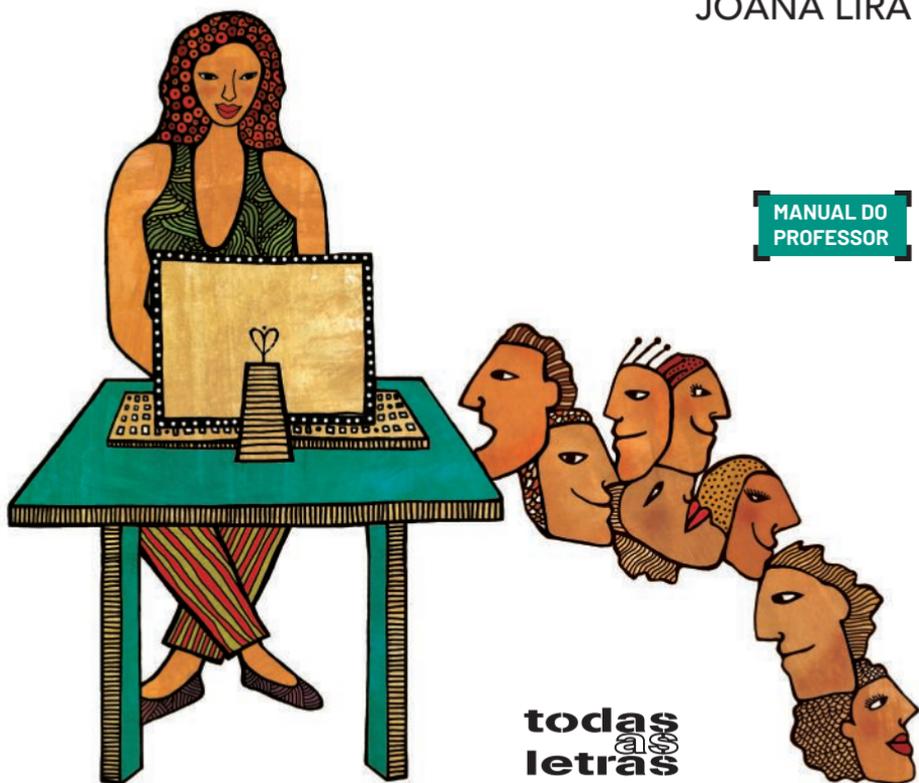


TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

# REDE DE ABUSOS

ILUSTRAÇÕES  
JOANA LIRA

MANUAL DO  
PROFESSOR



todas  
as  
letras

# SUMÁRIO

Da rede de abusos às redes de solidariedade..... 5

## PARTE 1

Capítulo 1 .....	10
<i>Blog em construção</i> .....	11
Exploração histórica.....	15
Capítulo 2 .....	21
Uma história emocionante .....	23
Deu no jornal.....	25
Capítulo 3 .....	27
Ânsia.....	31
Livro com cheiro de livro.....	34
Problemas, problemas... ..	36
Difícil de compreender .....	38
Novidade na rede .....	40
Capítulo 4 .....	43
Atualizando o <i>blog</i> .....	46

## **PARTE 2**

<i>E-mails</i> .....	50
Sensação estranha .....	53
O <i>site</i> .....	56
Medo .....	58
Tudo muito confuso .....	61
Alguém para ajudar .....	66
Uma pequena pausa .....	69
O investigador .....	72
O fã .....	77

## **PARTE 3**

Capítulo 5 .....	83
<i>E-mails, e-mails...</i> .....	84
Angústia .....	87
Capítulo 6 .....	89
Mais <i>e-mails</i> .....	92
Livros eletrônicos .....	94
Segredos .....	98
O lançamento .....	101
Capítulo 7 .....	106
Capítulo final .....	111
O <i>site</i> de Verônica .....	113
O último <i>e-mail</i> , um ano depois .....	115
Sobre a autora .....	122
Da metaficção à cultura do estupro .....	123

## DA REDE DE ABUSOS às redes de solidariedade

A novela *Rede de abusos*, escrita por Tânia Alexandre Martinelli e ilustrada por Joana Lira, foi publicada pela primeira vez em 2007, há mais de uma década, mas os temas nela abordados continuam extremamente atuais. São eles: a violência contra a mulher – mais especificamente, a questão do abuso e da exploração sexual infantil e juvenil – e as dinâmicas digitais, o universo da internet.

Tal cruzamento não é arbitrário, é claro. Infelizmente, os casos de violência contra a mulher, incluindo os focalizados pela autora nesta obra, ainda são abundantes na sociedade brasileira. Com o reflorescimento recente de movimentos feministas, sobretudo a partir dos protestos de 2013, quando o povo tomou as ruas, talvez possamos ter a impressão de que os casos de agressão e de abuso aumentaram nos últimos tempos. Porém, trata-se mesmo de uma impressão: com os movimentos feministas trazendo à tona a dignidade das mulheres como uma pauta importante para o debate público, muitas delas passaram a *falar mais* sobre opressões sofridas, a *denunciar mais* os agressores e a *reivindicar* com maior afincamento os seus direitos.

Nesse contexto, a internet desempenha papel muito importante, pois é por meio das redes que muitas jovens obtêm mais informações sobre a violência contra a mulher no Brasil e no mundo – é o caso da personagem Verônica, adolescente que toma consciência desse problema por meio de *sites* e *blogs* e resolve, ela mesma, construir um *blog* para conscientizar outras garotas. É o caso, também, da personagem-escritora Jéssica, de quem Verônica é fã. Jéssica publica seus livros pela internet e resolve contar histórias de violência para alertar leitores e leitoras, incentivando-os a reagir contra tais agressões. Por meio da pesquisa virtual e da escrita em plataformas digitais, o público da novela vai, pouco a pouco, vendo a rede de abusos se transformar em *rede de sororidade*. Esta última palavra faz parte do vocabulário feminista recente e tem sua origem na palavra latina *soror*, que significa *irmã*. Ter *sororidade* quer dizer, então, nutrir um sentimento de irmandade e empatia por outras mulheres; procurar compreendê-las e ajudá-las em vez de julgá-las por suas atitudes e comportamentos, como muitas vezes, injustamente, a mentalidade misógina e patriarcal ensina a fazer.

Por meio do *blog* de Verônica, que devora os *e-books* de Jéssica, que por sua vez lê *e-mails* de várias leitoras (inclusive os de Verônica), e também pelo convívio direto das amigas adolescentes Verônica e Bárbara, a sórdida rede patriarcal tecida para violentar mulheres vai dando lugar à sororidade,

à empatia e à ajuda mútua entre as personagens. A rede de violência vai se transformando em uma rede de solidariedade feminina, que passa a contar com a ajuda de meninos e homens, como a novela também mostra.

Apesar da atualidade dos temas abordados, por meio da leitura da novela é possível perceber como as formas da tecnologia mudam rapidamente. Se Verônica escreve em um *blog* e se comunica com Jéssica por *e-mails*, hoje há muitas outras formas de se relacionar em ambientes virtuais. Basta fazer um simples cadastro para criar páginas pessoais em redes sociais nas quais é possível, usando uma frase da personagem Verônica, “botar a boca no trombone sobre tudo o que anda acontecendo”. Nessas redes, pode-se receber comentários e então interagir praticamente em tempo real com pessoas situadas em qualquer lugar do mundo. Há também os aplicativos de mensagens, que permitem a troca instantânea de textos, fotos e arquivos com relativa privacidade. Desse modo, hoje há ainda mais ferramentas para obter informação e procurar desfazer perversas redes de violência.

Porém, não podemos nos esquecer de que a internet e seus espaços também implicam certos riscos, até no que concerne à exploração sexual infantil e juvenil. Esses perigos são representados em *Rede de abusos* pelos *e-mails* que a escritora Jéssica recebe de um homem violento, que persegue seus passos – ou a *stalkeia*, para usar um neologismo em português a partir do termo em inglês *stalker* (perseguidor). Se hoje há maior variedade de espaços e aplicativos para armazenar e compartilhar dados e informações no meio digital, há também muito mais formas de agir violentamente nesse ambiente. Quando denunciam abusos, muitas mulheres são perseguidas e recebem ameaças de morte em suas caixas de entrada, por *e-mail* ou pelas redes sociais; fotos de meninas e mulheres podem ser retiradas de redes sociais e compartilhadas, com ou sem adulteração, em *sites* pornográficos. Aliás, fotos que meninas e mulheres postam em seus perfis digitais, mesmo quando compartilhadas para fins de entretenimento, podem ser utilizadas contra elas depois, como evidenciou o caso da jovem catarinense Mariana Ferrer, que, em setembro de 2020, ao denunciar um estupro na Justiça, teve fotos de uma de suas redes sociais expostas no julgamento do acusado – supostamente, as imagens eram “provocativas”. Aos olhos da Justiça, a denunciante se tornou ré, e seu perfil digital foi usado como prova contra ela.

A seguir, você lerá uma novela que, mesmo retratando uma espécie de “pré-história” do complexo mundo das redes sociais que conhecemos hoje, intui a gama de situações complexas que a esfera digital gera. Trata-se de um universo cheio de perigos, no qual, entretanto, também se encontram recursos de combate à opressão.

*Para*

*Fernanda Martinelli  
e Aurélia A. Pellisson*





PARTE 1



## Capítulo 1

Lá estava ele, feito animal à espreita da caça. Um predador, que bem sabe o que quer.

Sem muita pressa, caminhava com a máxima atenção, pois precisava procurar, escolher. Talvez fosse assim que batesse os olhos. Talvez não. Mas uma intuição, quase uma certeza, lhe falava: saberia assim que a olhasse.

Às duas da manhã, a festa estava apenas começando. Sabia-se lá a que horas poderia terminar. Se dependesse das pessoas que lotavam as pistas de dança, ainda faltava muito. A música eletrônica agitava todos num ritmo acelerado. Diversas cores entrecortadas por muita fumaça pairavam sobre a cabeça das pessoas, que dançavam sem parar.

Ensaçou alguns passos. Não era difícil. Bastava movimentar o corpo de acordo com os ritmos comandados pelo *DJ* e deixar que a batida eletrônica o conduzisse.

Instantes depois, dispersou-se na multidão, abrindo passagem. Encontrou um bar. Pediu uma bebida, tomou um gole. Durante vários minutos, ficou girando os olhos para todos os lados. Ainda muita fumaça, muitas cores e luzes. Olhou, olhou, olhou. Até que viu.

Era uma das garotas que dançava ali perto. Concentrou-se nela durante algum tempo. Ela nada percebeu. Dançava sozinha ou com um grupo de amigos? Não soube responder. Quem se importava? Era loira, não muito alta, usava *piercing* no nariz,

calça preta e uma blusinha frente única azul-turquesa. Os cabelos eram lisos, compridos e estavam soltos, esvoaçantes, dançando também ao ritmo da música. Quantos anos devia ter? Calculou uns 16, talvez 17.

Sentiu a batida do coração mais rápida. Uma pressão no peito, uma falta de ar. Fez o possível para controlar a ansiedade. Respirou devagar e profundamente algumas vezes. Deu certo. Sentiu-se mais centrado. Então sorriu. Não sabia se era para a garota ou para si mesmo. Mas era um sorriso de satisfação, disso tinha certeza. Um sorriso que ela viu e ao qual correspondeu. Tudo certo.

– Não quer beber alguma coisa comigo?

Nessa hora, já lhe falava ao ouvido. Ela topou, dizendo que ia adorar. E ele vibrou, por dentro, quase explodindo. Louco. O coração agora num ritmo ainda mais descompassado. De novo aquela pressão no peito. Ansiedade, ansiedade.

Tinha finalmente encontrado sua caça. Finalmente! E o melhor de tudo viria depois. Ele, já sozinho, em segurança; ela, interrogada sobre o acontecido. E a resposta, que não poderia ser outra:

– Eu não me lembro! Eu não me lembro!

## **Blog em construção**

**V**erônica desligou o computador. Durante alguns instantes ficou com os olhos fixos na tela escura,

sentindo-se hipnotizada. Era como se houvesse um campo magnético que a prendesse ali e a impedisse de pensar em qualquer outra coisa. Isso sempre acontecia quando estava concentrada, digerindo algum assunto ou história.

Mas assim que viu as horas no celular, no minuto em que sua mente começou a tomar consciência da realidade, levou um susto: seis e meia da tarde. Nossa! Ia acabar se atrasando de novo.

Levantou-se da cadeira apressadamente e abriu a porta do guarda-roupa, à procura da camiseta. Foi até o espelho com um pente e começou a desembaraçar os fios. Dava um trabalho danado manter bonita aquela cabeleira toda. Seus cabelos eram compridos, desfiados nas pontas, e agora estavam pintados de vermelho. Adorava essa cor. Combinava com sua pele clara.

Seis e cinquenta e cinco, e a garota já estava na porta da sala de aula. Entrou esbaforida, dirigindo-se ao seu lugar. Verônica cursava o segundo ano do Ensino Médio, à noite.

– Cheguei!

– Nossa! Que aconteceu pra você entrar desse jeito, Verônica?

– Resolvi dar uma reestruturada geral no meu *blog*, Bárbara.

– Ah, é?

– É. Andei pensando. Olha só, o *blog* é uma excelente ferramenta de comunicação, um modo de nos expressarmos, de nos mantermos atualizadas, bem informadas...

– Sei, mas isso pra quem tem Internet, você quer dizer. Eu, por exemplo, não tenho computador nem *smartphone*. E assim acontece com milhares de pessoas, minha querida.

– Tá, Bárbara, mas você pode acessar a Internet na biblioteca da nossa escola, na casa da sua melhor amiga, no caso eu, do meu celular... isso não é desculpa. Concorde ou não concorda comigo que o *blog* pode ser um excelente meio de informação?

– Concordo com você. Mas ainda não entendi aonde você quer chegar com essa história de mudar o seu *blog*...

– Bom, pra começar, quero que ele seja um formador de opinião.

– Isso é legal! E como vai ser?

– Ainda não sei. Estou pesquisando algumas coisas, lendo bastante. Há muito a ser falado, Bárbara. São tantas injustiças, tantos preconceitos, discriminações, que daria para fazer uma lista! Mas não dá pra falar de tudo. Acho que a gente tem que selecionar um assunto e escrever, debater, trazer informações, fazer-se ouvir. É isso.

– E você ainda não tem nenhuma ideia sobre o que escrever?

– Claro que eu tenho! As questões que envolvem a mulher, por exemplo. Ando com vontade de explorar esse assunto.

– Bacana, Verônica. Mas e aí?

– Então, eu estava fuçando na Internet quando encontrei isso. Imprimi pra você ler – Verônica tirou um papel do meio do seu fichário e entregou a Bárbara.

Uma iraniana, espancada todos os dias por seu marido, pediu a um tribunal que dissesse a ele para limitar as surras a uma vez por semana. Maryam, uma mulher de meia-idade, disse que não queria se divorciar porque amava o marido. A mulher pediu ao juiz: "Apenas diga-lhe para me bater uma vez por semana... bater é parte de sua natureza e ele não pode parar com isso". O tribunal de Teerã declarou o homem culpado e o proibiu de espancar a mulher. O marido explicou ao juiz que "se eu não espancar, ela não terá medo o bastante para me obedecer".

– Coisa mais louca, Verônica... Mas será que isso tudo é mesmo verdade?

– Estava na Internet.

Sete horas em ponto e todos acabam de ouvir o sinal. Muitos alunos ainda entrando, muitas rodinhas esparradas pelos cantos da classe.

Bárbara e Verônica continuam a conversa:

– Sabe como é Internet, Verônica. Não dá pra acreditar em tudo o que a gente lê.

– Tudo bem, Bárbara. Sei que tem razão. Mas, verdade ou não, essa notícia me deu um estalo.

– Que espécie de estalo?

– Sei lá. Vontade de escrever sobre esse assunto. Você faz ideia de quantas mulheres passam por isso no mundo inteiro?

Bárbara concordou com a amiga, fazendo um gesto com a cabeça. Claro que sabia dessa triste realidade.

– Ah! E tem mais. Sabe como eu sou quando cismo com alguma coisa. O assunto não sai da minha cabeça, aí fico pensando, pensando... as ideias ficam martelando e não me largam. Eu já te falei sobre o novo livro da Jéssica Miller? Acho essa mulher o máximo, Bárbara! Incrível!

– Quem? O que tem a ver essa tal de Jéssica...?

Alguns minutos depois das sete horas. O professor de Matemática entrou na sala e pediu silêncio para fazer a chamada. Os alunos começaram a se sentar. Só deu tempo de Verônica dizer:

– Depois a gente conversa, Bárbara.

## Exploração histórica

**O** sábado tinha amanhecido preguiçoso. Apesar de já ter passado das nove, a ausência de sol proporcionava ao quarto de Bárbara um ambiente escuro, fato que a desencorajava de tomar qualquer atitude. Seu maior desejo no momento se traduzia em fazer aquilo que era impossível durante a semana: dormir até mais tarde.

Por isso, quando a avó veio chamá-la pela primeira vez, Bárbara virou-se do outro lado, chutou as cobertas

por causa do calor e jogou o travesseiro em cima da cabeça, bagunçando ainda mais os cabelos loiros e compridos.

Quase dez minutos depois, ouviu uma voz distante. Achou que estivesse sonhando. Nem fazia ideia com o quê, mas devia ser um sonho bom. Experimentou uma sensação de relaxamento e tranquilidade.

Mas isso não durou muito tempo porque a voz do sonho vibrou mais forte em sua cabeça, obrigando-a a abrir os olhos.

– Bárbara!

Não era sonho, descobriu logo. Era a avó, outra vez. A própria Bárbara pediu que a acordasse nesse horário, pois prometera a Verônica que iria a sua casa ajudá-la na pesquisa.

Apesar de serem diferentes em diversos aspectos, as duas se entendiam muito bem. Bárbara era mais reservada, tinha um jeito delicado, falava pouco, enquanto a amiga adorava carregar todas as bandeiras possíveis e imagináveis. Se tinha algum assunto polêmico na escola, lá estava ela querendo resolver. Conheciam-se desde o ano anterior, quando Bárbara se mudara para o colégio de Verônica.

Bárbara ainda se encontrava em ritmo lento. O breve percurso feito da sua casa até a de Verônica de modo nenhum tinha conseguido deixá-la desperta. A amiga já estava conectada na Internet havia algum tempo. Resolvera madrugar, pelo jeito.

Foi só abrir a porta do quarto que Verônica desandou a falar:

– Olha só, Bárbara, quem diria! Nós, mulheres, já tivemos muito poder. Nas sociedades arcaicas, o matriarcado predominava. A cultura, a religião e a sexualidade estavam interligadas, por isso o sexo era sagrado. Mas aí, veja só, minha amiga. Os homens deram um jeitinho de mudar tudo, criando um código moralista para que as pessoas enxergassem o sexo como algo negativo. Coisa de 2000 anos antes de Cristo, os sacerdotes e os hebreus consideravam a sexualidade da mulher algo a ser controlado pelo homem, porque esse sentimento simbolizava a raiz de todo mal. Também desprezavam qualquer mulher que não fosse virgem ou casada.

– Bom dia, Verônica! Pelo jeito, você começou cedo.

– Opa, desculpa, Bárbara. Tudo bem? Pois é, já estou a mil...

– Deu pra perceber. Tudo bem. Vamos lá, se sua intenção era falar em discriminação...

– Então, onde eu estava mesmo? Ah, sim... A prostituição estava completamente arraigada à economia romana. Com os impostos, ela se tornou fonte de lucros. Só depois da queda do Império Romano e da ascensão do cristianismo como religião foi que a prostituta passou a ser moralmente repreendida e perseguida. Na Itália renascentista, a figura da esposa dedicada, casta e fiel foi reforçada. As mulheres eram confinadas em casa e só saíam acompanhadas de seus maridos para irem à igreja. E desde aquela época existe o envolvimento dos poderosos com a prostituição. Quando ouvimos na

tevé que deputados, senadores, prefeitos, vereadores e nem-sei-mais-quem foram pegos envolvidos com a exploração sexual, imaginamos que isso é uma coisa de agora. Sei!

– Deve ser por isso que é tão difícil mudar.

– Ah, Bárbara! Mas temos que lutar pra que mude, sim!

Bárbara fez cara de quem não acreditava muito. Antes de voltar-se para a tela do computador, Verônica explicou:

– Este *site* faz um apanhado histórico dessa exploração no mundo. Olha só, na Alemanha, quem controlava a prostituição era a polícia. Em Londres, se as mulheres operárias, que não eram respeitadas e trabalhavam até dezesseis horas por dia, ficassem desempregadas, as consequências disso seriam o roubo, a pobreza e a prostituição. Na França, no século XIX, as trabalhadoras das fábricas eram consideradas prostitutas ou futuras prostitutas. Já ouviu discriminação maior que essa?

– Um absurdo! As meninas da escola vão subir pelas paredes quando lerem uma barbaridade dessa no seu *blog*.

– É isso mesmo o que eu quero. A gente tem que se informar para entender o porquê das coisas. E mudar o que tá errado. Não dá mais pra ouvir e aceitar numa boa essa exploração sem fim de mulheres, adolescentes e crianças. Você sabia, Bárbara, que um dos primeiros

registros históricos da prática de exploração sexual de crianças e adolescentes refere-se à corte francesa, do rei Luís XV? Ele comprava as meninas para compor seu harém real. Em Londres, no século XVIII, havia o aliciamento de meninas vindas do campo e a compra de crianças, que eram colocadas à venda do lado de fora das igrejas. Na Grécia antiga, meninas escravas eram comercializadas para a prostituição aos cinco anos como forma de compensar o tempo e os gastos com seu sustento. Dá pra acreditar? E o Brasil não tá fora disso, não! Por volta de 1788, muitas meninas, até com menos de 12 anos, esmolavam nas ruas e recebiam dinheiro em troca do corpo. A maioria, órfãs, recolhidas por famílias miseráveis que, pensando no lucro, logo atiravam essas pobres coitadas para a prostituição. Igualzinho na Grécia antiga. Igualzinho no interior do Brasil! Quantas crianças hoje não são vendidas pelas próprias famílias, miseráveis e excluídas, para serem escravas sexuais? A exploração sexual de crianças e adolescentes também não é um fato recente. Como a questão das mulheres, tudo isso vem de longe, muito longe!

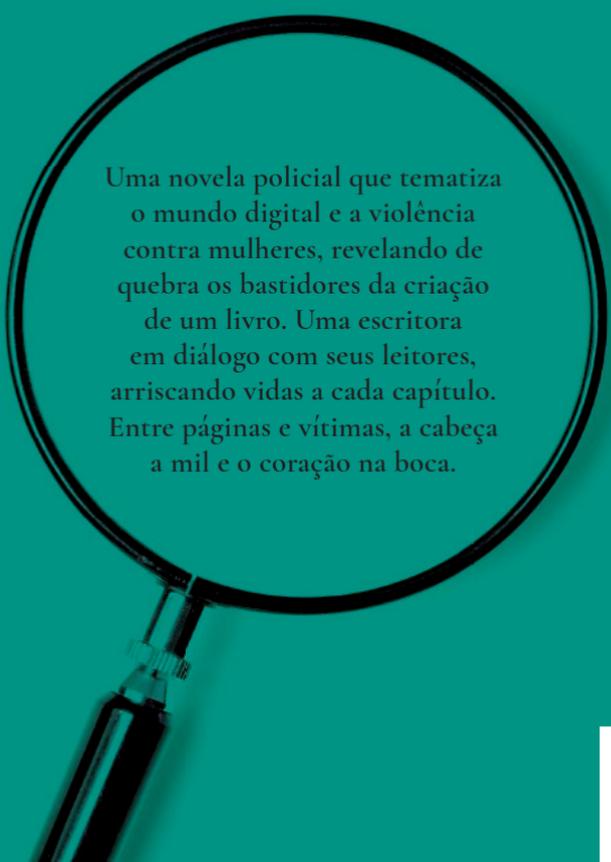
– Credo, Verônica! Que assunto mais pesado! Você vai falar disso também?

– Claro!

– Pensei que você ia fazer outra coisa no *blog*, tipo lançar campanhas sobre a não violência contra a mulher, falar da discriminação no trabalho... sei lá. Essas coisas.

*Certa vez, em uma das palestras que costumo fazer, os estudantes me pediram: “Escreve um livro de suspense!”. Botei a cabeça para funcionar. Queria uma história envolvente, cheia de mistérios. Acabei seguindo por um caminho diferente, e a questão do abuso e da exploração sexual infantil e juvenil surgiu como tema principal. Quanto mais eu lia e pesquisava, mais acreditava que era sobre isso mesmo que eu queria escrever. Tudo me parecia tão urgente e necessário... Eu me sentia a própria Verônica, personagem deste livro: “Sabe que a cada dia eu tô mais convicta de que eu tenho mesmo que falar, botar a boca no trombone sobre tudo o que anda acontecendo?”.*

*Tânia Alexandre Martinelli*



Uma novela policial que tematiza o mundo digital e a violência contra mulheres, revelando de quebra os bastidores da criação de um livro. Uma escritora em diálogo com seus leitores, arriscando vidas a cada capítulo. Entre páginas e vítimas, a cabeça a mil e o coração na boca.

ISBN: 978-65-89608-01-1



9 786589 608011